



9º CONGRESSO FLORESTAL NACIONAL

SUSTENTABILIDADE DA FLORESTA PORTUGUESA
VALORIZAR, UM DESAFIO COLETIVO



LIVRO DE RESUMOS

Editado por Maria Alice Pinto, Maria Emília Silva, João Carlos Azevedo, Miguel Sequeira, Nuno Ribeiro, Paulo Fernandes, Paulo Mateus, Susana Dias

Outubro de 2022, Funchal

Título: Livro de resumos do 9º Congresso Florestal Nacional

Editores: Maria Alice Pinto, Maria Emília Silva, João Carlos Azevedo, Miguel Sequeira, Nuno Ribeiro,
Paulo Fernandes, Paulo Mateus, Susana Dias

Edição e Design: Miguel Pereira da Rocha

Data: outubro de 2022

ISBN: 978-972-99656-7-8

Índice

5	▶ Mensagens de boas vindas
5	Mensagem da SPCF
7	Mensagem do IFNC, IP-RAM
8	▶ Conceito e estrutura
8	Conceito
8	Mesas temáticas
9	Simpósios
11	Sessões plenárias
14	▶ Locais
15	▶ Organização e apoios
15	Promotores e organizadores
16	Apoios oficiais
16	Patrocínios
18	Comissões
19	▶ Programa geral
22	▶ Resumos
22	Sessão Plenária 1
23	Sessão Plenária 2
24	Sessão Plenária 3
25	Sessão Plenária 4
26	T1.1: Sessão Temática 1.1: A floresta portuguesa
32	T1.2: Sessão Temática 1.2: A floresta portuguesa
39	T1.3: Sessão Temática 1.3: A floresta portuguesa
44	T2.1: Sessão Temática 2.1: Desafios
50	T2.2: Sessão Temática 2.2: Desafios
56	T2.3: Sessão Temática 2.3: Desafios
62	T2.4: Sessão Temática 2.4: Desafios
68	T2.5: Sessão Temática 2.5: Desafios
73	T3.1: Sessão Temática 3.1: Ambição
79	T4.1: Sessão Temática 4.1: Transformação
83	T4.2: Sessão Temática 4.2: Transformação
88	S1a: Simpósio 1: rePLANT – Implementação de Estratégias Colaborativas para a Gestão da Floresta e do Fogo
92	S1b: Simpósio 1: rePLANT – Implementação de Estratégias Colaborativas para a Gestão da Floresta e do Fogo
97	S2: Simpósio 2: A certificação florestal FSC®: a valorização de produtos e serviços de ecossistemas, com base numa gestão florestal responsável
101	S3: Simpósio 3: Arvoredo urbano - gestão e serviços de ecossistema
109	S4: Simpósio 4: O Regime Jurídico de Gestão do Arvoredo Urbano (Lei n.º 59/2021, de 18 de agosto) – Contexto e aplicabilidade
114	S5: Simpósio 5: Floresta e neutralidade carbónica em Portugal
120	S6: Simpósio 6: O papel dos agentes na gestão florestal sustentável em Portugal
127	S7a: Simpósio 7: Gestão das áreas florestais comunitárias/baldios
131	S7b: Simpósio 7: Gestão das áreas florestais comunitárias/baldios
135	S8: Simpósio 8: Prevenção e Controlo de Pragas e Doenças – Um desafio crescente e determinante para a salvaguarda da sustentabilidade dos ecossistemas florestais e para a valorização ambiental, social e económica
139	Pósteres 1: Sessão de Pósteres 1 (temas 1 e 2)
200	Pósteres 2: Sessão de Pósteres 2 (temas 3 e 4)
253	▶ Índice de autore(a)s

ID: 251

Transformação da paisagem silvopastoril no Parque Natural de Montesinho num cenário de alterações climáticas

José Castro¹, Marina Castro^{1,2}, João Paulo Castro^{1,2}

¹Instituto Politécnico de Bragança, Campus de Santa Apolónia, 5300-253 Bragança, Portugal; ²Centro de Investigação de Montanha (CIMO); mzecast@ipb.pt

A transformação da paisagem rural resulta da perceção e interpretação humana das alterações climáticas, e consequentes opções na utilização dos seus recursos. A compreensão destas atitudes, e opções na gestão da terra, é fundamental para o desenvolvimento de cenários e de políticas de adaptação. O território do Parque Natural de Montesinho (PNM) é uma região de transição entre as biogeografias temperadas e mediterrânicas, uma situação privilegiada, portanto, para informar sobre a evolução da paisagem face às alterações climáticas; e de facto, a paisagem deste território alterou-se significativamente nas últimas décadas. Este trabalho analisa as alterações entre 1995 e 2021 no território do PNM com utilização silvopastoril. Com base em 45 quadriculas de 100 hectares distribuídas pelos 5 pisos bioclimáticos, verificou-se que cerca de 18.5% do território amostrado tem hoje um uso diferente relativamente a 1995. As maiores transformações (86%) foram as observadas nas regiões intermédias bioclimaticamente do PNM – supramediterrânico húmido - enquanto nos extremos bioclimáticos - supratemperado húmido e hiperhumido, e mesomediterrâneo sub-húmido - elas correspondem apenas a 14% das transformações totais. As principais transformações foram a substituição de culturas de sequeiro por pomares de castanheiro (21%), o abandono de terras de sequeiro agora ocupadas por urzais (10%), a evolução dos urzais para giestais (9%) e a carvalhais (6%), e o repovoamento de urzais e estevais por pinhais (6%). Em geral, as transformações da paisagem sugerem uma opção por utilizações da terra mais extensivas, mais bem-adaptadas à atual realidade social, ao despovoamento rural e à falta de mão de obra, bem como à redução da rentabilidade da cultura frumentária, em contraponto com o aumento da rentabilidade de culturas permanentes (castanha e.g.). Tendo em conta a sua interdependência, estas transformações na paisagem requerem adaptações do sistema silvopastoril à nova realidade, quer em termos da disponibilidade, quer da distribuição dos recursos forrageiros. Se, por um lado, as novas áreas de arbustivas resultantes do abandono da agricultura podem beneficiar mais os caprinos que os ovinos, já as novas florestações e plantações de soutos colocam sérios problemas de circulação dos rebanhos pelo termo de cada aldeia. Por outro lado, o desenvolvimento de giestais altos e talhadias de carvalho pode, no longo prazo, inviabilizar tanto o pastoreio por ovelhas como por cabras, exigindo meios auxiliares de gestão desta vegetação, como são a limpeza mecânica ou a queima prescrita. Por outro lado, a continuidade de grandes áreas de vegetação arbustiva irá aumentar o risco de incêndio. Estes resultados revelam que as importantes transformações na paisagem do PNM demandam medidas urgentes de políticas públicas de planeamento e gestão desta área classificada, cuja origem e justificação reside precisamente na utilização sustentada desta paisagem humanizada.

MTS/CAC/0028/2020: PASTOPRAXIS